

configurando-se como "ineficazes". Foi essa constatação que a levou, então, a propor uma prática alternativa às práticas até então apresentadas.

Assim, no penúltimo capítulo as colocações da autora se estruturam de modo a mostrar que ao se adotar a concepção socioconstrutivista as dificuldades lingüísticas apresentadas por uma criança com retardo no desenvolvimento da linguagem serão resolvidas nos processos dialógicos desencadeados entre ela e o terapeuta, seu interlocutor privilegiado. A autora tem como referencial dados de sua interação com uma criança em atendimento fonoaudiológico. Nesse trabalho toma como ponto de partida o sistema comunicativo utilizado pela criança, procurando, pouco a pouco, negociar um uso mais eficiente da linguagem oral. Define, então, a terapia como lugar reservado à constituição de processos dialógicos, focalizando, desse modo, a interação da criança com o outro, com a realidade e com a própria linguagem.

O texto vai progressivamente se encaminhando de modo a mostrar que sua meta terapêutica não se fixa na tentativa de eliminar sintomas ou sinais identificados como desvios de linguagem. Fixa-se, sim, no processo de construção conjunta de condições interacionais efetivas sob as quais a criança possa assumir diferentes posições discursivas e constituir-se sujeito de sua própria linguagem, elaborando nesse processo suas dificuldades na e pela linguagem.

O livro *A linguagem como processo terapêutico* oferece reflexões importantes sobre a natureza da terapia fonoaudiológica, ressaltando a importância que a concepção de linguagem assumida pelo fonoaudiólogo tem na fundamentação das práticas terapêuticas por ele exercidas. Também sugere um conjunto de estratégias discursivas que podem ser utilizadas pelo terapeuta, mas o seu mérito maior, certamente, reside no fato de colocar em relevo a linguagem na discussão de questões sobre a clínica fonoaudiológica.

Maria Cecília Bonini Trenche

### "CAETANO DE CAMPOS": Fragmentos da História da Instrução Pública em São Paulo

Maria Candida Delgado Reis (org.)

São Paulo: Associação de Ex-Alunos do IECC, 1994

Em comemoração ao centenário da inauguração do prédio da escola Caetano de Campos (Pça. da República, SP), a Associação de Ex-Alunos do Instituto de Educação Caetano de Campos lançou, no final de 1994, a coletânea *Fragmentos da História da Instrução Pública em São Paulo*, organizada pela prof<sup>a</sup>. Maria Candida Delgado Reis.

A história da educação tem sido campo de entrecruzamento, nem sempre harmonioso, mas freqüentemente desafiador, de duas áreas de estudo: a história e a educação. Um diálogo necessário e bem-vindo. No campo da história, as constantes buscas de temas e abordagens no âmbito da cultura podem ter na área da educação férteis possibilidades de ampliação de novos problemas. Como se organiza a escolarização? Que sentidos adquire historicamente? Quais os significados históricos de sua institucionalização? Algumas necessidades têm impulsionado as pesquisas na busca de novas explicações para o papel da escolarização na formação das mentalidades e na história cultural das sociedades, isto porque as interpretações que reduzem a escolarização a um processo de positividade, sem enfrentar suas implicações, podem ser insuficientes para alcançar a complexidade e as interligações que o tema da educação impõe.

É a partir dessa rede de significados, dentre outros, que a coletânea *Fragmentos...* nos chega. Partindo do século passado, convida-nos a um passeio que revisita momentos da existência centenária da Escola Normal Caetano de Campos, ao contar suas histórias pelas vozes de pesquisadores e de alguns de seus antigos ex-alunos.

Fosse só pelo registro da memória desses últimos (segunda parte do trabalho), que revivem episódios —

rememorando/recriando, com diferentes olhares, espaços de educação, a partir das relações travadas, trabalhos realizados, paixões, sofrimentos, enfim, experiências vividas —, essa coletânea já propiciaria leitura prazerosa e carregada de vestígios para se conhecer, de diferentes formas, alguns "fragmentos da história da instrução pública paulista", como bem anuncia o título. Porém, a presente publicação apresenta mais do que isso: traz também, em sua primeira parte, a fala de historiadores e outros pesquisadores que, a partir de diferentes abordagens, analisam dimensões do movimento de construção e da trajetória da Escola Normal Caetano de Campos.

Assim, com o primeiro estudo, "Nos tempos da fundação", de Paulo César Garcez Marins, tem-se a caracterização da desordenada expansão urbana pela qual a capital paulista vinha passando no final do século XIX, dentro da qual se inseria a construção da Escola Normal: *"Ainda privada das grandes reformas urbanas que seriam realizadas pelo Conselheiro Antonio Prado em suas diversas gestões (1899/1910), (...) São Paulo teria durante a década de 1890 um surto do que poderíamos chamar de 'aparelhamento' da cidade, vista a expressiva quantidade de instituições, melhoramentos urbanos e construções realizados em meio ao seu desorganizado crescimento"*.

No segundo estudo, "Uma praça para a república", de Laura Antunes Maciel, é possível retroceder a um tempo em que *"essa região nada mais era que 'um vasto campo coberto de arbustos' e de grande variedade de árvores frutíferas, onde a molecada fazia 'a festa' aos domingos"*, e acompanhar, através de um belo relato, as transformações da praça que, desde o final do século XIX, aparecia nos projetos de reforma urbana como um espaço a ser (re)organizado para a tentativa de *"controlar, através de multas e até prisões, hábitos ainda muito arraigados..."*. Talvez o primeiro passo nessa direção tenha sido o surgimento da Escola Normal.

Outro estudo, "O edifício", de Leila Regina Diégoli e Cassia Regina Carvalho de Magaldi, traz detalhes da arquitetura da antiga Escola Normal, posteriormente Instituto Caetano de Campos, considerado *"um dos mais importantes documentos culturais do Estado de São Paulo"*.

Na seqüência, "A Escola Normal no Estado de São Paulo: de seus primórdios até 1930", de Leonor Maria Tanuri, representa um estudo específico e detalhado em torno dos momentos que antecederam a fundação da Escola Normal chegando até 30. Dentre outras questões, o estudo considera a medida aprovada em 1927 (*"a equiparação de escolas normais de iniciativa privada e municipal"*) às escolas normais oficiais) como um divisor de águas no processo de organização do curso normal uma vez que, *"já em 1930, havia 49 unidades em funcionamento, ao lado dos dez estabelecimentos oficiais"*.

Através do estudo "A escola do olhar", de Marta Maria Chagas de Carvalho, os novos métodos, materiais modernos e instalações apropriadas são analisados como partes que atuaram em conjunto na montagem do sistema público de ensino paulista; tudo isso *"condicionado à 'experiência de ver em execução' os novos métodos e processos de ensino que ela (a reforma) pretendia instaurar"* apontando para *"um futuro luminoso"*. O destaque que é dado na análise da montagem desse sistema de ensino é que o mesmo teria levado *"até as últimas conseqüências o primado da visibilidade"* que, contraposta à memorização, apareceria como símbolo dos novos tempos e cuja ênfase recaía em *"Observar, inicialmente, a prática de professores experientes em 'escolas para os mestres' já que 'sem ter visto fazer' não se aprende a ensinar. (...) os alunos mestres deveriam 'ver como as crianças eram manejadas e instruídas'"*.

Em "O Jardim da Infância Caetano de Campos", de Moisés Kuhlmann Jr., um olhar diferente é lançado à Escola Normal quando o autor percorre os cami-

nhos da sua instalação, feita dois anos após a inauguração (1896), descrevendo sua construção, registrando lembranças de ex-aluno, identificando o tipo de clientela de elite que a frequentou durante muito tempo. A partir de dados como a edição da *Revista do Jardim da Infância* que constituía "um instrumento para aperfeiçoar a instituição aberta na Capital e facilitar a criação de outras..." percebe-se, também, seu caráter de instituição modelo. Esses e vários outros dados permitem avaliar o papel e a dimensão pedagógica que, desde a educação infantil, o espaço escolar instituído passou a produzir.

Em "A escola e seus equipamentos", de Maria Antonieta Martinez Antonacci, encontra-se uma abordagem que traz interessante perspectiva histórica do período no sentido de perceber a Escola Normal de São Paulo como "espaço de tentativas pedagógicas baseadas em princípios e práticas semelhantes aos da 'qualidade total', como as que empolgaram educadores do movimento da Escola Nova nos anos 1920/30". Ao discutir técnicas e formas de reorganizar espaços e práticas de educação que naquele período eram apresentadas sob o lema da qualidade e eficiência (aparelhos de mensuração e avaliação de aptidões e capacidades), lança-nos numa discussão atual, na qual o slogan "qualidade total", tem sido traduzido como solução técnico-científica para vários problemas político-sociais.

O estudo "Escola Normal: nacional ou estrangeira?", de Silvia Cristina Yannouias, trabalha com o aspecto da ambigüidade existente entre, por um lado, o cerceamento a escolas estrangeiras e mesmo a proibição do "estudo de línguas estrangeiras até os 10 anos de idade", e, por outro, a imitação dos "sistemas educativos e das escolas normais européias e estadunidenses", além do uso de autores estrangeiros nos estudos de Pedagogia, Psicologia etc.

O estudo "Masculino/feminino: fragmentos de uma construção assimétrica", de Maria Candida Delgado

Reis, buscou compreender "outros significados" para a inauguração da Escola Normal Caetano de Campos: partindo de uma problemática atual que envolve a discriminação das mulheres na sociedade brasileira, trouxe algumas respostas para tais questões ao revisitar a trajetória daquela escola.

Assim "(é) no currículo detalhadamente organizado que podemos acompanhar os caminhos da desigualdade e os lugares diversos, propostos para cada gênero na sociedade", ao excluir o sexo feminino de conhecimentos que lhe possibilitassem a atuação na vida pública. Esses e outros aspectos curriculares foram discutidos sem perder de vista o cenário de lutas e resistências vividas por mulheres diante da exclusão.

Encerrando a primeira parte da coletânea temos o estudo intitulado "O terceiro andar da Escola da Praça", de Mirian Lifchitz Moreira Leite, que trata do período de 1939 a 1949, quando funcionou (no 3º andar da Escola Normal) a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Examinado através dos Anuários de 1934 a 1952, parte desse tempo vivido no 3º andar "foi inscrito pelo Estado Novo. A Censura de Imprensa, a paralisação do comércio livreiro e as pressões de uma polícia política silenciavam manifestações que divergissem do que era oficialmente estabelecido".

A leitura da segunda parte da coletânea nos traz depoimentos de ex-alunos que percorrem momentos vividos desde os anos 20 até os anos 70, revelando diferentes percepções, frutos de diferentes experiências e histórias de vida.

Começando por "Um olhar de menina", de Odete de Barros Mott, que fala, com saudades e orgulho, das lembranças da menina que "há precisamente 73 anos" foi matriculada na Escola Modelo Caetano de Campos, encontramos, também, em "Formação na Escola da Praça", de Maria Isaura Pereira Queiroz, memórias "de corredores largos e sombrios, de salas

*silenciosas nas quais não se podia rir nem cantar*". Mais adiante, trazendo sensações de uma parte da geração dos anos 60, temos "Liberdade, liberdade!", de Eliana Cáceres, que, num curioso jogo de significados do termo liberdade, a formal (cantada no hino) e a vivida/perdida nos anos 60, provoca um repensar de tempos sombrios. O tema do preconceito aparece em "Memórias em rosa e negro", de Rosa Maria Tavares Andrade, carregado de sensibilidade e narrado a partir de ex-aluna que viveu discriminações, mas que 10 anos depois, ao voltar a subir a escadaria principal, recorda: "...tive a ilusão de ver minha imagem refletida nas 225 janelas — uma mulher conscientemente afro-brasileira sem as falsas ilusões da chamada democracia racial que a Escola tentara ensinar".

Outra rememoração é feita em "Sonhos anônimos", de Dagmar Ferreira, de onde são evocadas várias práticas de ensino de então, e das quais muitos de nós vivenciamos, como: a cartilha *Caminho Suave*, o caderno de caligrafia, a primeira comunhão, as fábulas de Monteiro Lobato, a disciplina exigida etc. O tempo passa, a aluna vai crescendo e percebendo que "a preocupação não se limitava mais a fechar notas; queríamos entender o que estava acontecendo conosco..." — eram os anos de "chumbo".

Mais um depoimento, "Poesia e trabalho: lembranças de um aluno negro", de Eduardo de Oliveira, revela as dificuldades causadas pelo preconceito, ampliadas pela condição de aluno pobre, que lá estudou

no final dos anos 50, sonhando em "transportar os limites da linha da cor e da pobreza". Em "A resistência", de Modesto Carvalhosa, não aparecem, propriamente, as memórias do ex-aluno mas as lembranças de um dramático e difícil processo do qual todos nos recordamos, que foi a ameaça, em meados de 1975, "da morte do símbolo da instrução pública do Estado de São Paulo" — sua demolição — para a construção de estação do metrô. São memórias da resistência e luta pela sua preservação, que embora vitoriosa, "se queria não apenas do edifício histórico, mas da própria Escola". A coletânea é encerrada com o conto "Senhorinha (1884)", de Maria Aparecida dos Santos Rocha, do qual, de tão puerilmente belo, vale guardar segredo dizendo apenas: é um imenso prazer lê-lo!

Ao fim da leitura dessa coletânea fica uma grata surpresa por tal iniciativa. Ao registrar, de diferentes ângulos, algumas das múltiplas histórias que a 1ª Escola Normal de São Paulo carrega, amplia-se o espaço de debate em relação a abordagens da história e da educação: uma troca ainda tímida, mas essencial na compreensão dos muitos sentidos da educação na história. Finalmente, uma pergunta marota, tomada de uma das memórias de Rosa Maria Tavares Andrade registradas nessa coletânea, talvez possa nos provocar a continuação desse debate: "O que faltou nas lousas e salas dessa Escola?"

Cecília Hanna Mate